

# História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

**Aline Ferreira Antunes**  
(Organizadora)

A história do homem é marcada pela  
coexistência de múltiplas culturas. Essa  
variedade é muito importante, pois  
observando as práticas e tradições de  
outros povos somos levados a refletir  
sobre a *solidariedade* à qual pertencemos.  
Atenas, será que são gratuitas as diferentes  
formas de organizar a vida social, de  
conceber e expressar a realidade?

**Atena**  
Editora  
Ano 2021

# História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

**Aline Ferreira Antunes**  
(Organizadora)

A história do homem é marcada pela  
coexistência de múltiplas culturas. Essa  
variedade é muito importante, pois  
observando as práticas e tradições de  
outros povos somos levados a refletir  
sobre a *coletividade* à qual pertencemos.  
Atena, será que são gratuitas as diferentes  
formas de organizar a vida social, de  
conceber e expressar a realidade?

**Atena**  
Editora  
Ano 2021

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa

Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará

Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

## **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

## **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco



Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## História: sujeitos, teorias e temporalidades 2

**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Correção:** Vanessa Mottin de Oliveira Batista  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadora:** Aline Ferreira Antunes

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: sujeitos, teorias e temporalidades 2 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-967-7

DOI 10.22533/at.ed.677211904

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

Mais uma obra organizada pela Atena Editora centrada nas produções científicas historiográficas do Brasil e do mundo. Por conter capítulos em língua estrangeira, a obra foi dividida entre pesquisas brasileiras e pesquisas internacionais.

As pesquisas giram em torno dos mais diversos temas, com recortes teóricos, metodológicos, espaciais e temporais amplos: desde questões relacionadas ao medievo, à capítulos sobre terras indígenas e os conflitos aí presentes. São trabalhos sobre composições arquitetônicas, conflitos no Brasil (sobre demarcações de terras indígenas, sobre a construção da hidrelétrica do São Francisco, por exemplo), sobre cultura material e imaterial. Além de abordagens sobre memória, identidade, imaginário, história oral, museus, tecnologia e ciência.

Nesta obra somos apresentadas/os a termos como *queenship*, SAT e estudo sobre a tradição Védica.

Convido vocês a começarem pela leitura de “*Odeio Paulo Freire e aquele seu conceito humanista*”, de Antônio Carlos da Rocha, um capítulo que pode despertar um receio pelo título, porém, que trata dos recentes discursos de ódio presentes na sociedade brasileira, proferidos contra profissionais da educação, sobretudo atacando o patrono da educação: Paulo Freire. Começar uma obra com este capítulo é nos colocar política e socialmente contra tais discursos e reafirmar o papel da ciência e importância de estudos como os aqui presentes.

Para além de pesquisas relacionadas à educação e aos demais temas já previamente citados, você também encontra na segunda parte da obra capítulos em espanhol sobre comércio local e disputas urbanas.

Boa leitura!

Aline Ferreira Antunes  
Brasília, março de 2021

## SUMÁRIO

### PARTE I: PESQUISAS BRASILEIRAS

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
ODEIO PAULO FREIRE E AQUELE SEU CONCEITO HUMANISTA <i>Antônio Carlos da Rocha</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119041	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
REFLEXÕES SOBRE ALGUMAS CONVERGÊNCIAS ENTRE ARTE COMO IDEIA, INTERDISCIPLINARIDADE E AS NOVAS TECNOLOGIAS <i>Italo Bruno Alves</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119042	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>19</b>
A INTERDISCIPLINARIDADE E A LÓGICA DIFUSA <i>Maria Cristina de Oliveira Cardoso</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119043	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>28</b>
BELEZA QUE INSPIRA E ORNAMENTA (1927-1929): O GÊNERO FEMININO NO PROGRESSO RIO-PRETENSE <i>Vinicius Silva</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119044	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>39</b>
DA CAATINGA AO SERINGAL: LINGUAGEM, PODER, E PROPAGANDA NO ADVENTO DA BATALHA DA BORRACHA (1942-1945) <i>Francisco Marquelineo Santana</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119045	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>47</b>
COMPOSIÇÃO ARQUITETÔNICA DE RAPHAEL ARCURI DE 1913 A 1930: ESTUDOS DOS ELEMENTOS DO ART NOUVEAU NA ARQUITETURA ECLÉTICA DE RAPHAEL ARCURI EM JUIZ DE FORA <i>Jonas Tadeu Ferreira</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119046	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>59</b>
USO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA E IMAGENS AÉREAS NA CARACTERIZAÇÃO DA HISTÓRIA AMBIENTAL DE PARATY, BRASIL, NOS SÉCULOS XX E XXI <i>Rodrigo Zambrotti Pinaud</i> DOI 10.22533/at.ed.6772119047	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>76</b>
ALIANZAS COMUNITARIAS Y ECOLÓGICAS DE PAZ EN PUEBLO BELLO, TURBO	
Carlos Alberto Builes Tobón	
María Eulalia García Marín	
Samir Ahmed Dasuky Quiceno	
Polina Golovátina-Mora	
Yesenia Luna Oviedo	
Denisse Roca-Servat	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6772119048</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>92</b>
CONFLITOS INTERNOS: DESDOBRAMENTOS SOCIAIS NA CIDADE DE PIRANHAS/AL EM DETRIMENTO DA INTERVENÇÃO DA CHESF (1980/2000)	
Monielly Suelen Gomes Barboza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6772119049</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>101</b>
INVENTÁRIO DA CULTURA MATERIAL E IMATERIAL DOS IMIGRANTES ITALIANOS NA ANTIGA COLÔNIA PAIOL GRANDE – RS	
Graziela Vitória Donin	
<b>DOI 10.22533/at.ed.67721190410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>116</b>
DELEUZE, FILOSOFIA E ARTE	
Ana Beatriz Rodrigues de Britto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.67721190411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>130</b>
DEMARCAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS UMA ABORDAGEM HISTÓRICA E A PERCEPÇÃO DO POVO PURUBORÁ	
José Joaci Barboza	
Adriane Pesovento	
Gisele de Oliveira Montanha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.67721190412</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>147</b>
DOWN HOUSE, A CASA DE CHARLES DARWIN: A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DAS CASAS-MUSEUS	
Sílvia Sobral Costa	
João Bosco Ferreira Brandão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.67721190413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>165</b>
NOTAS HISTÓRICAS DO DISTRITO DE MARRECAS, NO CEARÁ: DOS ÍNDIOS JUCÁS AO CAFÉ DAS PRIMAS	
João Alcimo Viana Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.67721190414</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>178</b>
“DECAÍDAS”, “EMBRIAGADAS” E “RAIVOSAS”: A REPRESENTAÇÃO DA PROSTITUTA NA CIDADE DE SALVADOR (1960- 1978)	
Amanda Santos da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.67721190415</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>189</b>
VIDA, NATUREZA, LITERATURA E LÍNGUAS AMERICANAS NA REFLEXÃO DE JOSÉ DE ALENCAR	
Valdeci Rezende Borges	
<b>DOI 10.22533/at.ed.67721190416</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>199</b>
DUAS HISTÓRIAS DE HARDWARE E SOFTWARE COMO SUPORTE AO DESENVOLVIMENTO DA COMPUTAÇÃO BRASILEIRA	
Marcia de Oliveira Cardoso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.67721190417</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>211</b>
HISTÓRIA DA CIÊNCIA MEDIEVAL EM PERSPECTIVA - A CONTINUIDADE EM EDWARD GRANT	
Luiz Cambraia Karat Gouvêa da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.67721190418</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>220</b>
<i>QUEENSHIP</i> : CONSIDERAÇÕES SOBRE UM CONCEITO	
Danielle de Oliveira dos Santos-Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.67721190419</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>232</b>
SAT: DA REALIDADE	
Alina Silva Sousa de Miranda	
<b>DOI 10.22533/at.ed.67721190420</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>241</b>
VESTUÁRIO E GÊNERO: NOTAS SOBRE BINARIDADE NA HISTÓRIA DA INDUMENTÁRIA	
Valdecir Babinski Júnior	
Daiane Evangelista Vieira de Matos	
Lino Gabriel Nascimento dos Santos	
Camila Leithold	
Helena Kappaun	
Lua Pessatto da Silva Burtet	
Sabrina Lopes Bueno	
Vitória Baratto Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.67721190421</b>	

<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>254</b>
AS REPRESENTAÇÕES DA AMÉRICA NO PERIÓDICO O UNIVERSAL, 1825-1842	
João Eduardo Jardim Filho	
DOI 10.22533/at.ed.67721190422	
<b>PARTE II: PESQUISAS ESTRANGEIRAS</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>268</b>
EL FRISO DEL COMERCIO LOCAL	
Jordi Sardà Ferran	
Josep M. Solé Gras	
Pau de Solà-Morales	
DOI 10.22533/at.ed.67721190423	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>288</b>
LA CIUDAD IDEAL VS. LA CRÓNICA URBANA	
Jordi Sardà Ferran	
Josep M. Solé Gras	
Anna Royo Bareng	
DOI 10.22533/at.ed.67721190424	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>307</b>
LOS IDEALES DE COMODIDAD Y ASPECTO PÚBLICO EN EL URBANISMO ILUSTRADO ESPAÑOL E HISPANOAMERICANO	
Ricardo Anguita Cantero	
DOI 10.22533/at.ed.67721190425	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>317</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>318</b>



# CAPÍTULO 8

## ALIANZAS COMUNITARIAS Y ECOLÓGICAS DE PAZ EN PUEBLO BELLO, TURBO

Data de aceite: 01/04/2021

Data de submissão: 03/03/2021

### **Carlos Alberto Builes Tobón**

Doctor en Artes, Letras y Lenguas de la Universidad de Rennes, Magíster en Estudios Políticos de la Universidad Pontificia Bolivariana. Docente Programa de Ciencia Política de la Universidad de Antioquia-Colombia  
<https://orcid.org/0000-0001-7439-4733>

### **María Eulalia García Marín**

Doctora en Filosofía, Magíster en Filosofía, Licenciada en Educación con especialidad en Sociales, Docente investigadora de la Corporación Universitaria Americana, integrante del grupo de investigación TES  
<https://orcid.org/0000-0003-2246-3789>

### **Samir Ahmed Dasuky Quiceno**

Doctor en Filosofía de la Universidad Pontificia Bolivariana, Magíster en Filosofía y Especialista en Ética de la misma universidad, Docente de postgrados y pregrado de la Universidad Pontificia Bolivariana, Psicólogo, integrante del grupo de investigación Epimeleia de la Universidad Pontificia Bolivariana  
<https://orcid.org/0000-0003-3116-3606>

### **Polina Golovátina-Mora**

Doctora en Historia de la Universidad Federal de los Urales, Profesora Titular de la Facultad de Comunicación Social-Periodismo de la Universidad Pontificia Bolivariana, integrante del Grupo de Investigación Comunicación Urbana, GICU de la misma Universidad  
<https://orcid.org/0000-0002-7686-9699>

### **Yesenia Luna Oviedo**

Representante Legal de la Fundación Arrieros por la Paz. Corregimiento de Pueblo Bello, tecnóloga en Dirección Comercial y especialista en Gestión del Talento Humano por Competencias del Servicio Nacional de Aprendizaje (SENA)

### **Denisse Roca-Servat**

Doctora en Estudios de Justicia de la Universidad Estatal de Arizona, Profesora Titular del Doctorado en Ciencias Sociales e investigadora del Grupo Territorio de la Universidad Pontificia Bolivariana, sede Medellín  
<https://orcid.org/0000-0003-2872-6471>

El presente capítulo fue realizado en el marco del proyecto *Ecosofía en Pueblo Bello: memoria, restitución subjetiva y transformación social* con radicado número 247C-07/18-42, Universidad Pontificia Bolivariana, Medellín.

**RESUMEN:** En el presente capítulo se conciben las actividades comunitarias hacia la paz desde la perspectiva del poshumanismo feminista en el que el mundo es una red de interrelaciones entre humanos y no humanos. Empleando las metodologías participativas, particularmente el árbol de problemas y los testimonios de los habitantes de la comunidad de Pueblo Bello, Turbo, Antioquia, Colombia, se advierte cómo los habitantes enfrentan sus experiencias de sufrimiento, producto del conflicto armado. La comunidad ha elegido, con un sentido ético,

hilar de nuevo el tejido social desde la deconstrucción de relaciones de poder, a menudo intuitivamente. Su resiliencia se nutre de las actividades realizadas por la comunidad y el reconocimiento de dicha interrelación entre humanos y no humanos. Este tipo de gobernanza demanda repensar el significado de violencia y justicia reconocidos por el Estado y la academia, presentando modelos de solución orgánica.

**PALABRAS CLAVES:** Ecosofía, justicia ecológica, salud mental, testimonio.

## COMUNIDADE E ALIANÇAS ECOLÓGICAS DE PAZ EM PUEBLO BELLO, TURBO

**RESUMO:** Neste capítulo, as atividades comunitárias em prol da paz são discutidas a partir da perspectiva do poshumanismo feminista, que vê o mundo como uma rede de inter-relações entre o humano e o não-humano. Utilizando metodologias participativas, especialmente a árvore do problema e os testemunhos dos habitantes da comunidade de Pueblo Bello, Turbo, Antioquia, Colômbia, este artigo explora como os próprios habitantes enfrentam suas experiências de sofrimento causadas pelo conflito armado. Argumenta-se que a comunidade reconstrói o tecido social a partir de uma postura ética ao desconstruir as relações de poder, mesmo que intuitivamente. A sua sobrevivência é alimentada pelas atividades desenvolvidas pelos líderes comunitários e pelo reconhecimento da inter-relação entre humanos e não humanos. Essa governança exercida exige, tanto do Estado quanto da academia, um repensar do significado convencional da violência e da justiça por meio dos modelos de solução orgânica apresentados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ecosofia, justiça ecológica, saúde mental, testemunho.

## COMMUNITY AND ECOLOGICAL PEACE ALLIANCES IN PUEBLO BELLO, TURBO

**ABSTRACT:** In this chapter, communal activities towards peace are discussed from the perspective of feminist posthumanism, which sees the world as a network of interrelations between human and non-human. Employing participatory methodologies, particularly the problem tree and the testimonies of the inhabitants of the community of Pueblo Bello, Turbo, Antioquia, Colombia, this article explores how the inhabitants themselves face their experiences of suffering caused by the armed conflict. It is argued that the community rebuilds the social fabric from an ethical stand by deconstructing power relations even if intuitively. Their survival is nourished by the activities carried out by the community leaders and the recognition of the interrelation between the humans and non-humans. This exercised governance demands both from the State and the academia to rethink the conventional meaning of violence and justice by means of the presented organic solution models.

**KEYWORDS:** Ecosophy, Ecological justice, Mental health, Testimony.

## 1 | INTRODUCCIÓN

El tema de la paz sigue estando en el centro de atención de la academia colombiana, tanto como el conflicto de Pueblo Bello (Builes Tobón *et al.*, 2019). El presente capítulo se enfoca en el tema trascendente para todos los conflictos armados: tendencias orgánicas de

la recuperación de las experiencias traumáticas. Empleamos en nuestro estudio el concepto de ecosofía (Guattari, 2000), entendido como el enfoque, la mirada al mundo como red de los actores, procesos interrelacionados y constantemente interactuados, “la relación entre los nodos es más importante que los nodos mismos” (Cilliers, 2007, p. 57<sup>1</sup>).

Desde esta mirada relacional, la naturaleza funciona como un organismo vivo con sus propias dinámicas y sentidos (Serres, 2013). Reconocer a la naturaleza como actante (Latour, 2008), o agente (Scott Marchand, 2018) es crucial en el proceso de paz, ya que a partir de ella se pueden crear relaciones de comunidad, no únicamente por las razones de preservación del medio ambiente, sino también, como la práctica del reconocimiento al Otro (Braidotti, 2010; Fromm, 1986), la cual permite formar la sensibilidad para poner límite a la violencia, la opresión, la exclusión y la injusticia (Roca-Servat y Golovátina-Mora, 2020). Es un ejercicio de descolonización de sí mismo, elaboración honesta y crítica del pasado, de la memoria, de rol en el conflicto, de sus raíces, sin la cual no es posible reconstruir la comunidad, reconciliarse con el vecino, seguir adelante después del sufrimiento traumático.

El presente capítulo plantea las diversas caras del sufrimiento humano y no humano resultado del conflicto armado en Pueblo Bello y la búsqueda de soluciones desde el relacionamiento con el Otro. La organización del capítulo replica la fragmentación del territorio con el fin de aumentar la sensibilidad que busca el capítulo a través de la coherencia entre el contenido y la forma de escritura (Richardson, St. Pierre, 2011).

## 2 | METODOLOGÍA

Como resultado de varios talleres ambientales y trabajo de campo con la comunidad de Pueblo Bello, entre 2016 y 2019, se generó la inquietud por comprender la justicia íntima y ecológica que informa el presente estudio. En estas actividades se observó el sufrimiento por los acontecimientos violentos de años anteriores y a la vez una preocupación por emprender proyectos asociados a la tierra desarrollando una sensibilidad como límite a la violencia.

Para lograr dicha comprensión, se realizaron varias visitas al territorio, se hicieron entrevistas y se escucharon testimonios con los integrantes de la Casa de la memoria y espacio comunitario “Remanso de paz”, líderes de las corporaciones ambientales y distintos habitantes de la población; además se realizaron talleres de justicia hídrica, gobernanza y salud mental. Todas las actividades conforman el presente texto, sin embargo, por las limitaciones en la extensión del texto nos enfocamos en el taller de salud mental y el testimonio de la lideresa social de la comunidad para evidenciar la lucha orgánica con el sufrimiento.

Los testimonios, como práctica de sentido, tienen un carácter íntimo, de ellos “no podemos esperar una declaración en el sentido jurídico del término sino otro tipo de cosa, que está entre el lamento, la blasfemia, la expiación y el intento de justificación, de

1. Todas las traducciones son propias de los autores del artículo.

recuperación de sí mismos” (Agamben, 2000, 24). Evidencian el extenso sufrimiento en el conflicto y las fuerzas de la resiliencia.

Para el taller de salud mental se empleó el árbol de problemas (Unesco, 2017), que permite realizar una cartografía del tema en particular. Esta herramienta busca sensibilizar sobre el tema en cuestión y abrir espacios de diálogo, los participantes transmiten un saber desde sus vivencias y la manera en que esperan enfrentar sus vicisitudes. El ejercicio es valioso, ya que es la misma población la que propone las medidas de intervención a partir de las lógicas específicas de su comunidad.

### 3 | LA URGENCIA DE LA DESCOLONIZACIÓN

La lideresa social Embera, Eulalia Yagarí compara la guerra con “un huracán que todo lo arrasa” (citado en García Marín, 2018, 148). Desde la misma lógica, Alexiévich (2016) escribe, que en la guerra

No hay héroes ni hazañas increíbles, tan solo hay seres humanos involucrados en una tarea inhumana. En esta guerra no solo sufren las personas, sino la tierra, los pájaros, los árboles. Todos los que habitan este planeta junto a nosotros. Y sufren en silencio, lo cual es aún más terrible. (8)

“Para nosotros, - testimonia la lideresa indígena colombiana, - como pueblos indígenas la naturaleza es un todo” (cit. en García *et. al.*, 2018, 21). La fragmentación del territorio y del bosque tiene una conexión directa con el conflicto (Clerici *et. al.*, 2020). La distribución y el uso de la tierra y del agua son ejes centrales en el conflicto colombiano (CNRR, 2009; García, 2019; Pérez Rincón, 2014), que tienen origen en la inequidad (Roca-Servat, 2016). En la subregión antioqueña de Urabá la concentración de la propiedad de la tierra es evidente, según datos del 2004, el 89,5% de la superficie rural está en manos del 34,6% de los medianos y grandes propietarios (Mora, Muñoz, 2008; Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo, 2016, Cap. 4).

La reparación administrativa como fruto de las acciones de reparación estipuladas en la sentencia de la Corte Interamericana de Derechos Humanos (CIDH, 2006 a, b) entre otros, ha tenido avances significativos: a la fecha han sido indemnizadas 410 familias del corregimiento (Flórez, 2016). No obstante, una de las demandas más cruciales de la reparación fue la solicitud al Viceministerio de Aguas y Saneamiento Básico de la construcción del acueducto para garantizar el servicio de saneamiento básico de agua potable y alcantarillado, la cual permanece sin resolver.

En el camino hacia la paz, la dimensión ambiental es clave para garantizar una paz territorial verdadera. Frente a esta situación, cabe preguntarse por la justicia ambiental e hídrica como su parte integral. Esto implica exponer las complejas relaciones de poder, percepciones, usos, formas de gestión, así como los significados del agua y del territorio que entran en disputa en un determinado contexto, en este caso, en Pueblo Bello.

El análisis se hace complejo por la multiplicidad de sentidos y significados que tiene el agua y el territorio tanto para los habitantes de Pueblo Bello, como para las entidades públicas y privadas, quienes se disputan su gestión o distribución a partir de características económicas, políticas o culturales.

El activista ambiental somalí, Abdi-Noor Mohamed denuncia el tratamiento cruel de la naturaleza por el ser humano. En el poema “Madre Tierra habla a la humanidad”, escribe que el ser humano rompe sus compromisos con la tierra: viola los bosques, abusa del mar y de la atmósfera, hace las tierras estériles, las desnuda. “Soy la sombra de mi alma anterior” lamenta la tierra (Mohamed, s.f. a).

Así mismo, Magdalena (2017), botánico del Jardín Botánico Kew en Londres, escribe en su libro:

En respuesta a su generosidad, les tratamos con atrocidad. Están poco apreciados y terriblemente subestimados. No les tratamos como servidores, sino como esclavos. Sus casas están destruidas, sus familias, diezmadas. Están forzadas a la producción masiva y están rociadas con sustancias químicas... (4)

Él habla sobre las plantas, pero con estas mismas palabras se podría definir una explotación del territorio indígena, la conquista, la invasión y el desplazamiento de las poblaciones.

La naturaleza como el Otro cercano y potencialmente peligroso y temido, a menudo por ser poco conocido, siempre regresa al espacio ocupado por el ser humano, sea el mar, el río, la mala hierba, insectos, animales aplastados en las autopistas, entre muchos otros. Como cualquier colonizador, el ser humano ignora los intereses de los colonizados, explota sus recursos, hace caso omiso de las dinámicas de sus territorios, silencia sus voces, sus memorias, erradica su pasado y reescribe su historia desde su perspectiva (Chakrabarty, 2016; Escobar, 2011; Haraway, 1988; Szerszynski 2019). La violencia, la opresión y sus discursos se transforman en normalidad: “Las semillas de la agresión están instantáneamente sembradas”, lamenta el activista somalí (Mohamed, s. f., c). Es la violencia banal que trasciende todos los niveles y aspectos de la cotidianidad, hecha en uno, se replica en otro (Freire, 2005), a menudo sin saberlo, de manera oculta (Bourdieu, 1998).

En la perspectiva feminista poshumanista (Alaimo, 2018; Braidotti, 2010; Haraway, 2007) y perspectivas parecidas (Serres, 2013), se plantea que, el medio ambiente ofrece pensamiento, propone ontologías, enfoques, aliados directos e indirectos, compañeros (Haraway, 2007). A partir del diálogo verdadero (Freire, 2005) basado en saber escuchar y en el interés mutuo, se puede aumentar su potencial. No poder o saber notar sus indicaciones es resultado de las jerarquías en saberes establecidas por el pensamiento newtoniano-cartesiano y darwiniano (Shiva, 2016), permeado en el sistema educativo, que produce un equilibrio falso basado en la codicia (Abdi-Noor Mohamed, s.f. a, b).

La demanda de la lealtad por excelencia, la imposición violenta sobre objetos y personas, el tratamiento de todos como un recurso, es ante todo autodestructivo (Fromm, 1986). Los autores del poshumanismo feminista, junto con varios autores de la teoría crítica, ponen atención en las contradicciones inevitables en el discurso dominante basado en el silencio, incluso de sí mismo, de su propia naturaleza, de la modificación constante para justificar sus acciones, en otras palabras, la reconstrucción diaria de la violencia. Para romper este círculo es necesario un cambio en la mirada.

En el siguiente apartado presentamos el testimonio de la lideresa social de Pueblo Bello sobre las acciones en la formación de un nuevo tejido social. Guardamos inéditas sus palabras para demostrar la magnitud de la violencia y del sufrimiento del territorio.

#### **4 | REFORESTANDO LA PAZ: TESTIMONIO DE YESENIA LUNA**

Soy campesina, orgullosamente del campo, llevo el olor de la tierra en mi piel, el susurro del mover de los árboles, la textura de las piedras en mis pies al pisar el agua de la quebrada, ¡quebrada! Esa que solo quedaba a unos pasos de mi casa, el correr en los caballos por el pasto, seguir el camino por lomas, bajadas y planicies para llevar el desayuno a mi padre que cultivaba hortalizas, su pasión, y las cosechas sustento de la familia. Todo estaba alineado, la familia y la naturaleza, crecíamos en unidad y nos expandíamos en la inocencia de la felicidad natural.

En las noches mis padres me leían los salmos de La Biblia y quedó grabado en mi mente de niña un texto en especial “cuando las personas practican lo bueno, son como árboles plantados en las orillas de los ríos o quebradas, que sus hojas no caen, dan los frutos a tiempo, son frondosos, hermosos y llenos de vida” (Biblia de la América (1987) - Salmo 1:3). En mi interior exclamaba: quiero ser un árbol de los que siembran junto al río.

Cuando llegó la violencia de los diferentes grupos armados al margen de la ley, esa misma naturaleza habló, sintió, vivió el dolor de lo arrebatado, lo destruido en cada barbarie cometida. La tierra olía a sangre y se sentía el golpe de las pisadas a ritmo acelerado de las botas en las noches y todos en una cama en silencio, pero con el corazón más acelerado que los caballos cuando corríamos en el pasto, y decía mi padre: “Hagan silencio mis hijitos, vamos a jugar al mudo, no pasa nada todo está bien”, pero eran ellos, esa gente que huía y otros que llegaban a destruir lo que éramos en nuestro campo. En la quebrada, empezó a verter una nueva corriente, pero de sangre. Los árboles lloraban o quedaban en un silencio horrorizante; las montañas destruidas por las bombas que caían tratando de derribar al enemigo, según lo legal de mi país, pero ese enemigo estaba lleno de mujeres y niños inocentes, llevados forzosamente a cumplir un deber en las filas de ese grupo armado.

El canto de los animales se convirtió en las alarmas para huir. Los caballos fueron tomados para cargar cuerpos de los tantos fallecidos que dejaban los combates, y debían

llevárselos para que el enemigo no supiera el número de muertos que había dejado ese enfrentamiento y seguir manteniendo una posición de poder, a precio de las vidas de nosotros los campesinos. Las montañas y bosques fueron derribados para cultivos ilícitos, el río contaminado y la madera vendida para financiación de esos grupos armados. Se impusieron las salidas, entradas, la alimentación, las relaciones: se perdió la libertad.

Nadie podía salir sin permiso de aquel que tenía el dominio del territorio, ya mi hermano se había salvado dos veces de que se lo llevaran a ingresar a las filas y faltaba la última oportunidad. Pero como siempre la naturaleza fue nuestra aliada, un zancudo provocó una enfermedad en pocos días, hubo que sacarlo muy grave de la vereda y me mandaron con él porque mi padre dijo: “La niña también tiene los mismos síntomas debe recibir atención”. Aún me sentía sana, comprendí en mi corta edad, siete años, que era una salida sin retorno, ese día no pude disfrutar del paseo en el caballo, mi mente no se cansaba de pensar qué iba a pasar con mi vida, cómo iniciar en otra parte, sin parte de los que amaba... Con mucho dolor partí dejando todo para poder sobrevivir, quedó mi campo triste, maltratado, cada paso de esa salida marcó una herida en mi corazón.

Mis ramas fueron cortadas, mis hojas pisoteadas, removida como una plantita con pocas esperanzas de vida y de ser ese árbol frondoso que soñaba. El hombre y la naturaleza fuimos unidos en la lucha por sobrevivir, por conservar nuestra identidad y esencia de vida. Después de muchos años aprendí a reforestar cada área de mi vida, entendí que, devolviendo vida a la naturaleza, haciendo el ejercicio de reforestar y transmitir a una comunidad la necesidad de crear un ambiente sano por amor a nosotros mismos, reintegraba vida a mis sueños y los de otras personas.

Toda fuerza de trabajo parte de una identidad y las bases locales son el fundamento del éxito en el desarrollo de una comunidad. Un líder con sentido de pertenencia por su territorio, con arraigo, es capaz de identificar con facilidad la necesidad, pero también la motivación, cuando se tiene la oportunidad de retornar al lugar de tus raíces. Lo primero en que fijas tus ojos es en cómo están los árboles, la naturaleza, qué ha cambiado, qué fue destruido, qué fue abandonado, y antes de organizar tu casa o donde te vas a ubicar o establecer nuevamente, organizas todo lo que te rodea, tu ambiente natural. Cuando logras eso, sientes confianza para iniciar a organizar tu casa; cuando siembras árboles en esos lugares despoblados, cuando impartes vida a tu comunidad sembrando más y más árboles con conciencia, te lleva a iniciar un proceso de evaluación de tu vida, tus amigos y comunidad, en general de la importancia de trabajar en equipo, de volver a iniciar en los territorios abandonados, de volver a sembrar en nuestros corazones los sueños que fueron apagados, de volver a plantar las raíces en nuestro campo, de tomar la reforestación como terapia de resiliencia, de confianza para volver a empezar todas las veces que sea necesario. Logras entender que mientras tengamos vida hay esperanza, comprender que para tener vida los seres humanos debemos cuidar y unirnos a la naturaleza en el derecho

a la vida, disfrutar de la esencia natural en nosotros y dejar que la naturaleza nos abrace, compartiendo el sueño de la libertad, construyendo paz desde la ruralidad.

A pesar de las dificultades propias del limitado acceso al pueblo y las recurrentes agresiones por parte de grupos armados, Pueblo Bello, como lo muestran García-Marín y Garcés Giraldo (2018), emprendió un cambio significativo en el año 2005 con la constitución de cooperativas, fundaciones y corporaciones ambientales. De la misma manera, se propicia la construcción del tejido social cuando aparece en 2014 la fundación Arrieros por la Paz, la cual buscaba trabajar con la comunidad rural, víctima del conflicto, en la construcción de paz. La creación de estos espacios de convergencia en relación a prácticas campesinas y rurales buscaron integrar lo ambiental realizando campañas de reforestación con los niños, convites para limpiar el río Mulatos, volver a cultivar la tierra y la organización de foros ambientales. La reforestación y la revitalización de los ríos y el suelo se reconocen como las prácticas hacia la sostenibilidad del territorio y por eso hacia la paz. El activista somalí citado anteriormente, cree que solamente en la unión con la naturaleza se puede reconstruir la confianza en el vecino, en sí mismo y con esto crear de nuevo la comunidad después de un conflicto armado: “Tú y yo, somos hermanos de la paz, pero somos hermanos de aflicción, somos las víctimas de la guerra” (Mohamed, s.f. d). Con el lema “Hacemos Somalia verde de nuevo”, promueve la reforestación como proceso esencial de la recuperación del país, y de su comunidad, que incluye a todos sus habitantes: humanos y no-humanos.

## 5 | SALUD MENTAL EN ADOLESCENTES DE PUEBLO BELLO

Como otra forma de relato, la presente sección resume los resultados del taller de salud mental con adolescentes en Pueblo Bello para profundizar en el significado del conflicto armado y en la búsqueda del camino para la paz sostenible. La Organización Mundial de la Salud, OMS, define la salud mental como “un estado de completo bienestar físico, mental y social, y no solamente la ausencia de afecciones o enfermedades” (Organización Mundial de la Salud, 2013). De lo anterior se deriva una visión de individuo, como aquel que es “consciente de sus propias capacidades, puede afrontar las tensiones normales de la vida, puede trabajar de forma productiva y fructífera y es capaz de hacer una contribución a su comunidad” (Organización Mundial de la Salud, 2013), definición con la que coincide el Ministerio de Salud y Protección Social en Colombia (2013). Transitar en la vida cotidiana, desplegar los recursos emocionales y establecer relaciones significativas después de acontecimientos violentos no es fácil, aunque “no hay figuras universales del trauma” (Soler, 2009, 85).

Se trabajó con veinte adolescentes en edades comprendidas entre 13 y 20 años, elegidos de manera aleatoria, para identificar indicadores, causas y estrategias de intervención en su grupo etario sobre la salud mental. En los padres de familia y los líderes de la comunidad existe una preocupación por comportamientos, afectos e ideas que vienen



presentando dichos adolescentes. Frente a esta demanda del otro, se prioriza la voz de los adolescentes, valorando el saber que tienen desde sus decires y, a la vez, observar si es un problema real e importante para ellos.

Con respecto a la salud mental, los adolescentes plantean problemas de baja autoestima, que refieren de la siguiente manera: falta de seguridad porque no se conocen a sí mismos, falta de capacidades para entender las diversas situaciones que los rodean – conflicto social y familiar. Frente a ello muestran una gama de afectos, entre los cuales más destacados son: tristeza, soledad, desespero, ansiedad, miedo, rabia, odio, que derivan en autoagresiones: trastornos de la alimentación, ideas suicidas, intentos de suicidio, autolesiones y agresiones externas, intolerancia. Esta información coincide con una investigación realizada en 2009 sobre salud mental en Pueblo Bello (Corporación Vínculos, 2017, 70).

Lo que sugiere nuestra investigación en el 2019, es no solo la continuidad de las causas que inciden en la salud mental y que están en relación con el conflicto armado, sino que también hay una transmisión simbólica de quienes padecieron estos acontecimientos a sus descendientes (Muñiz; Dasuky Quiceno, 2019, 244). Los adolescentes no presenciaron lo que vivieron sus padres, pero comparten características sintomáticas de enfermedad mental, es decir, que existe una imbricación entre las herencias simbólicas, las experiencias vividas en el ámbito familiar, social y escolar y la significación subjetiva.

Frente a lo social, expresan diferentes factores que se presentan en la comunidad, uno de ellos en las relaciones interpersonales: acoso escolar, discriminación por preferencias sexuales, violación sexual, falta de aceptación social, es decir, situaciones que manifiestan exclusión e intolerancia por las diferencias. A ello le suman lo que nombran como “malas amistades” que inducen a las drogas, al alcohol y a los actos de violencia. Los adolescentes nombran sus comportamientos como “libertinos o desordenados y egoístas”. Cuando se refieren a las causas que afectan a la salud mental, las asocian al vacío en diferentes esferas: personal, familiar y social.

En lo personal, indican fundamentalmente falta de Dios y de espiritualidad, en el territorio existen dos iglesias, la católica y la presbiteriana. También señalan la falta de seguridad en sí mismos o de autoestima, ausencia de proyecto de vida, todo ello justificado, además de lo religioso, en falta de información y capacitación sobre los diferentes problemas que presentan, como también a la falta de conocimientos sobre lo que hacen, es decir, a no saber calcular las consecuencias de sus acciones: lo anterior lo asocian a la falta de orientación y presencia de los adultos – padres y maestros –, afirman “no tener quien los oriente”.

A lo familiar le dan gran relevancia, inclusive mayor que a lo social, como causa que incide en la salud mental. Ponen como centro la violencia intrafamiliar y la ausencia de valores éticos. Enuncian un conflicto permanente con sus padres y familiares, pero dicho conflicto tiene un carácter bidireccional. Indican, además, violencia entre sus

padres, agresiones, principalmente del hombre hacia la mujer. Como causa de la violencia intrafamiliar nombran la falta de amor, cariño, comprensión, escucha, consejos, aunque ellos refieren que “tampoco escuchan los consejos de los adultos”. Ello revela una falta de comunicación dentro de las familias, que justifican por “la mala educación de los padres” que ahora se las transmiten a ellos.

Los adolescentes en la actividad no refieren nada sobre el conflicto armado, no se habla de la violencia que han padecido sus padres y ellos. Es propia de las regiones donde se han presentado estos hechos la ruptura del lazo social y, con ello, surge la desconfianza entre los miembros de la misma comunidad y los forasteros, así, es mejor callar porque no se sabe quién es el otro, quién escucha. Por último, relatan la falta de apoyo por parte del Estado, sin desconocer los avances que ha tenido la población y sus proyectos de gestión, para enfrentar los problemas más acuciantes con ayuda propia y del Estado.

Los adolescentes sugieren algunas medidas de intervención para superar las dificultades que presentan su grupo etario, medidas que a la vez aborden las relaciones familiares, sociales e inclusive con el territorio como factores que intervienen. Proponen capacitaciones y talleres en los siguientes temas: trato entre padres e hijos, respeto y tolerancia, autoestima, pedagogía, toma de decisiones acertadas, proyecto de vida, autocontrol, formación en valores éticos, espiritualidad real o “la búsqueda de Dios”.

Ven con urgencia crear una red de apoyo psicosocial para padres y adolescentes en compañía del Estado, ya que no cuentan con profesionales como psicólogos, psiquiatras, trabajadores sociales permanentes en su territorio, que puedan realizar intervenciones a nivel individual, de pareja y de familia. La familia es el foco principal de intervención, porque los adolescentes indican que allí está la mayor causa de los problemas de salud mental: “Creo que todo se puede solucionar, si empezamos por nuestro hogar”, dice un participante. Los adolescentes desean tener tiempo familiar compartido y una educación que no sea a través de la violencia. Ven necesario realizar actividades en las que se integren como comunidad, donde creen proyectos que fomenten la paz, la armonía y la inclusión social para generar lazos de solidaridad, ayuda mutua y “amor al prójimo”.

En este diagnóstico se observa una demanda implícita en los adolescentes: la búsqueda para restablecer el orden en la vida cotidiana, en el ámbito social y familiar, como también un orden en sí mismos. Orden que funcione como límite a los excesos de goce que permitan un lazo social pacificado basado en las relaciones de confianza y cuidado mutuo. Los estudios cualitativos poshumanistas en salud reconocen los vínculos entre el ambiente físico y natural y la salud humana (Lupton, 2019), que amplía la noción de la subjetividad e integridad de la persona. A pesar de que los participantes del taller no mencionaron directamente los vínculos con la naturaleza, en las conversaciones informales, los recorridos por el territorio y el compartir en las casas fue evidente la fuerte relación que tienen con el territorio, el río, las plantas e inclusive con los seres no-humanos, como los animales domésticos, con los que cohabitan y le dan sentido a la vida cotidiana.

## 6 I DISCUSIÓN Y LAS CONSIDERACIONES FINALES: EL CAMINO HACIA UNA JUSTICIA ECOLÓGICA

“Toda persona sometida a actos brutales (...), experimente un profundo sufrimiento, angustia moral, terror e inseguridad, por lo que este daño no requiere pruebas,” resume el fallo de la CIDH (2006a, 139, par. 255). La Corte no considera el sufrimiento de los habitantes no-humanos de la comunidad y cómo esto afecta el sufrimiento y la vida de los humanos, aunque evidencia la magnitud de la tragedia, la magnitud de las injusticias interrelacionadas.

Los ejemplos presentados en el capítulo demuestran la fragmentación profunda del territorio, de las comunidades, las familias y la psique de las personas. En las voces y maneras múltiples el territorio grita del sufrimiento. Cuando se rompen el orden social y la vida de forma forzada, se necesita el restablecimiento de nuevas condiciones para volver a rehacer la vida individual y social de la comunidad. Con la vida amenazada permanentemente (Cerón, 2017; Matta Colorado, 2015; Centro Nacional de Memoria Histórica – CNMH; Pueblo Bello, 2015; Flórez, 2016; Sánchez, 2013), la justicia planteada por el Estado no corresponde con el concepto de justicia vivido por el individuo desde su intimidad (CNMH; Sánchez, 2013). Con los múltiples interrogantes sin solución, la justicia sigue inconclusa, lo que hace difícil reencontrar el orden.

A pesar de las adversidades, la comunidad ha tomado la decisión de seguir adelante, buscando aproximarse al concepto de reciprocidad, se le devuelve a la tierra lo que se recibe de ella, para restituir la vida y con esto la comunidad misma a través del trabajo mancomunado entre la sociedad y la naturaleza (García Marín, 2016). La reconstrucción del hábitat en relación con su paisaje de borde, así como la potenciación de nuevas formas de organización entre vecinos, en un lazo de solidaridad y cooperativismo, ha posibilitado un nuevo comenzar el proyecto comunitario en Pueblo Bello.

Los líderes sociales de la comunidad realizan un trabajo consensuado en los diferentes campos de la vida: el agrario, el social y el institucional. Ejemplo de ello son las diversas organizaciones, fundaciones y cooperativas creadas a lo largo de casi dos décadas, que actualmente trabajan por el bienestar común, sin desconocer que en lo realizado se han superado diversas dificultades de toda índole como: económicas, sociales y de orden público (Arellano, 2012; Builes Tobón *et al.*, 2019; García Marín, 2018). Al buscar por sus propios medios las formas de resolver las múltiples dificultades, la población entra en la propuesta de una justicia compensatoria “en la forma de una garantía de indemnización, en la que se recogen todas aquellas tareas que las instituciones desprovistas de poder no pueden cumplir” (Hoeffe, 2015, 111).

La comunidad de Pueblo Bello empezó a realizar procesos de gobernanza, acudiendo a distintos organismos gubernamentales nacionales, internacionales, así como de fundaciones. Sus miembros se hicieron visibles en la sociedad colombiana a través de

sus líderes, en los medios de comunicación, en las rutas de la paz, con la participación en videos y documentales, con sus testimonios. Se tejen lazos y puntadas, no solo a través de la Casa de la memoria, sino con aquellas personas e instituciones como las redes de víctimas, las Casas de Memoria Colectiva y Museos Comunitarios de la Memoria a lo largo del país, que les ayudan a estar presentes en el lenguaje de la memoria en construcción de una comunidad resiliente.

Mediante el trabajo colaborativo buscan el cuidado de los ecosistemas, al realizar las campañas de reforestación, un cierto “civismo ecológico (...) una formación social (...) para heredar a sus hijos y a los hijos de sus hijos un mejor balance ecológico” (Hoeffe, 2015, 153). Así podemos hablar de la ecosofía en esta reconstrucción, a veces consciente, pero a menudo orgánico, como reacción resiliente en el contexto de la amenaza recurrente. Hablamos de la justicia ecológica, la cual “erige a la naturaleza como un sujeto de derecho y tiene por objeto su protección en forma independiente de los derechos humanos” (Cruz Rodríguez, 2017, 9). O más bien, desde la perspectiva del poshumanismo feminista se concibe los derechos humanos interrelacionados con los derechos de la naturaleza. Con estas acciones la comunidad busca un hogar en equilibrio: un espacio digno que puede integrar los distintos aspectos de vivir entre los humanos y no-humanos. Desde allí se inicia el recorrido de un camino hacia la justicia en construcción, para restaurar el caos de la violencia que se ha perpetuado y parece ensañarse con quienes habitan este territorio.

Los estudios, documentales, testimonios y registros fotográficos, que se encuentran en el Centro Nacional de Memoria Histórica y centros de la memoria, las conversaciones con los habitantes de la comunidad, observaciones de los entornos nos muestran la profundidad de la tragedia sucedida en Pueblo Bello, los ecos de la violencia continuada y difusa. Pero también nos muestran las soluciones alternativas, una búsqueda constante de la reconstrucción por la población misma tanto humana como no humana. El entorno mismo ofrece el problema y la solución. Es crucial querer y poder escuchar, dialogar, buscar alianzas en la deconstrucción de las asimétricas relaciones de poder, empezando a menudo por uno mismo.

## REFERENCIAS

AGAMBEN, G. **Lo que queda de Auschwitz. El archivo y el testigo. HOMO SACER III.** Traducción: Antonio Gimeno Cuspinera. Valencia: Pre-textos, 2000.

ALAIMO, S. Trans-corporeality. En R. BRAIDOTTI y M. HLAVAJOVA (Eds.), **Posthuman Glossary.** Londres: Bloomsbury, 2018, 435-438.

ALEXIÉVICH, S. **La guerra no tiene rostro de mujer.** Traducción: Yulia Dobrovolskaia y Zahara García González. Madrid: Debate, 2016.

ARELLANO, E. **La dignidad de Pueblo Bello.** Otramérica, 2012. Recuperado de <http://otramerica.com/radar/la-dignidad-de-pueblo-bello/1355> Acceso el 20 feb. 2021

**Biblia de las Américas**, 1997. Recuperada de <https://bibliaparalela.com/lbla/psalms/1.htm>

BOURDIEU, P. **Masculine Domination**. Nueva York: Polity, 1998.

BRAIDOTTI, R. Nomadism: Against Methodological Nationalism. **Policy Futures in Education**, 2010, 8 (3-4), 408-418. doi: <https://doi.org/10.2304/pfie.2010.8.3.408>

BUILES TOBÓN, C., GARCÍA MARÍN, M., DASUKY QUICENO, S., OVIEDO, Y., VERGARA SIERRA NARANJO, M., ROCA SERVAT, D. Y GOLOVÁTINA-MORA, P. Ecosofía en Pueblo Bello: restitución subjetiva y transformación social. En BUILES TOBÓN, C.; MUÑOZ, O. (org.), **Gobierno, territorio y seguridad**. Medellín: Universidad Pontificia Bolivariana, 2019, 85-218.

**Centro Nacional de Memoria Histórica** (Productor) y Sánchez, G. (Director). No hubo tiempo para la tristeza [Documental]. Colombia: Concepto Visual, 2013. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=das2Pipwp2w> Acceso el 20 feb. 2021

**Centro Nacional de Memoria Histórica**. Micrositio. Pueblo Bello, 2015. Recuperado de <http://www.centrodememoriahistorica.gov.co/micrositios/pueblo-bello/>

CERÓN, L. Pueblo Bello no olvida sus víctimas. **Centro Nacional de Memoria Histórica**, 2017. <https://centrodememoriahistorica.gov.co/pueblo-bello-no-olvida-sus-victimas/> Consultado: 20 feb. 2021

Centro Nacional de Memoria Histórica (Productor) y SÁNCHEZ, G. (Director). **No hubo tiempo para la tristeza** [Documental]. Colombia: Concepto Visual, 2013 Video (1:04m). Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=das2Pipwp2w>. Acceso el 14 jun. 2020.

CILLIERS, P. On the Importance of a Certain Slowness. En GERSHENSON, C.; AERTS, D.; EDMOTADS, B. (org.), **Worldview, Science and Us: Philosophy and Complexity**. Singapur: World Scientific Publishing, 2007, 53-65.

CLERICI, N. *et al.* Deforestation in Colombian protected areas increased during post-conflict periods. **Sci Rep** 2020, 10, 4971 . <https://doi.org/10.1038/s41598-020-61861-y> Acceso el 20 feb. 2021

Corporación Vínculos. **Informe final sentencia Pueblo Bello**, 2017. Recuperado de <http://corporacionvinculos.org/index/wp-content/uploads/2017/08/INFORME-FINAL-SENTENCIA-PUEBLO-BELLO.pdf> Acceso el 20 feb. 2021

Corte Interamericana de Derechos Humanos. **Sentencia de enero 31. Caso de la masacre de Pueblo Bello vs Colombia**. Presidente García, S., 2006a. Recuperado de <https://www.alcaldiabogota.gov.co/sijro/web2/sidie/imagenesContenido/COLCasoMasacrePuebloBello.pdf> Acceso el 20 feb. 2021

Corte Interamericana de Derechos Humanos. **Sentencia de noviembre 25. Caso de la masacre de Pueblo Bello vs Colombia**. Presidente García, S., 2006b. Recuperado de [http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec\\_159\\_esp.pdf](http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_159_esp.pdf) Acceso el 20 feb. 2021

CRUZ RODRÍGUEZ, E. Justicia ambiental, justicia ecológica y diálogo intercultural. **Elementos**, 2017, 24 (105), 9-16.

CHAKRABARTY, D. Postcolonial Studies and the Challenge of Climate Change. En P. Nayar (ed.), **Postcolonial Studies: An Anthology**. Hoboken: John Wiley and Sons, 2016, pp. 144-157.

ESCOBAR, A. **Encountering Development: The Making and Unmaking of the Third World**. Princeton: Princeton University Press, 2011.

FLÓREZ, M. **Así va la reparación en el pueblo de Urabá que sufrió tres masacres**, 2016. Recuperado de <https://pacifista.tv/notas/asi-va-la-reparacion-en-el-pueblo-de-uraba-que-sufrio-tres-masacres/> Acceso el 20 feb. 2021

FREIRE, P. **Pedagogy of oppressed**. Londres: Continuum, 2005.

FROMM, E. Anatomía de la destructividad humana. Ciudad de México: Siglo XXI, 1986.

GARCÍA MARÍN, M. **La ética ecológica en la perspectiva de Michel Serres: una propuesta de la reconciliación del ser humano con la Naturaleza**. Medellín: Universidad Pontificia Bolivariana, 2016.

GARCÍA MARÍN, M. La ecosofía: un aporte a la memoria de Pueblo Bello. *Revista Lasallista de Investigación*, 2018, 15(1), p. 143-153. doi: 10.22507/rli.v15n1a16. Consultado: 20 feb. 2021

GARCÍA-MARÍN, E.; GARCÉS GIRALDO, L. La construcción del hogar desde la ecología mental: entre la memoria y la creación del tejido social en Pueblo Bello. **Revista Virtual Universidad Católica del Norte**, 2018, 55, 210-220.

GARCÍA, P. *et al.* (org.). **Perspectiva de los PUEBLOS INDÍGENAS Frente a la Deforestación y Degradación del Territorio Un insumo para la construcción e implementación de Bosques Territorios de Vida - Estrategia Integral de Control a la Deforestación y Gestión de los Bosques**. ONU-REDD; INSTITUTO DE HIDROLOGÍA, METEOROLOGÍA Y ESTUDIOS AMBIENTALES, 2018.

GARCÍA, Y. **Comisión de la Verdad documentará “el problema de la tierra” en Urabá**, 2019. Recuperado de <http://www.ipc.org.co/agenciadeprensa/index.php/2019/06/26/comision-de-la-verdad-documentara-el-problema-de-la-tierra-en-uraba/> Consultado: 20 feb. 2021

GUATTARI, F. **The Three Ecologies**. Translated by Ian Pindar and Paul Sutton. Londres: The Athlone Press, 2000.

HARAWAY, D. Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. *Feminist Studies*, 1988, 14(3), 575-599.

HARAWAY, D. **The Companion Species Manifesto: Dogs, People, and Significant Otherness**. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2007.

HOEFFE, O. **Justicia. Una introducción filosófica**. Bogotá: Universidad Externado de Colombia, 2015.

LATOUR, B. **Reensamblar lo social: una introducción a la teoría del actor-red**. Buenos Aires: Manantial, 2008.

LUPTON, D. Toward a More-Than-Human Analysis of Digital Health: Inspirations From Feminist New Materialism. **Qualitative Health Research** 2019, 29(14), 1998-2009. doi:10.1177/1049732319833368

MAGDALENA, C. **The Plant Messiah: Adventures in Search of the World's Rarest Species**. London: Viking, 2017, 4 p.

MATTA COLORADO, N. La masacre olvidada de las Farc. **El Colombiano**, 5 de mayo de 2015. Recuperado de <https://www.elcolombiano.com/antioquia/la-masacre-olvidada-de-las-farc-2-BD1858614> Acceso el 20 feb. 2021

**Ministerio de Salud y Protección Social**. Ley 1616 de enero 21 por medio de la cual se expide la Ley de Salud Mental, y se dictan otras disposiciones. Diario Oficial n.º 48.680 de enero 21 de 2013. Recuperado de <https://www.minsalud.gov.co/sites/rid/Lists/BibliotecaDigital/RIDE/DE/DIJ/ley-1616-del-21-de-enero-2013.pdf> Acceso el 20 feb. 2021

MOHAMED, A. **Mother Earth Speaks Out**, s.f. a. Recuperado de <http://www.authorsden.com/visit/viewpoetry.asp?AuthorID=12041&id=92820> Acceso el 20 feb. 2021

MOHAMED, A. **Mother Nature is Weeping**, s.f. b. Recuperado de <http://www.authorsden.com/visit/viewpoetry.asp?AuthorID=12041&id=206200> Acceso el 20 feb. 2021

MOHAMED, A. **In the Shadow of War**, s.f. c. Recuperado de <http://www.authorsden.com/visit/viewpoetry.asp?AuthorID=12041&id=148563> Acceso el 20 feb. 2021

MOHAMED, A. **War Trauma**, s.f. d. Recuperado de <http://www.authorsden.com/visit/viewpoetry.asp?AuthorID=12041&id=182260> Acceso el 20 feb. 2021

MORA, T.; MUÑOZ, J. Concentración de la propiedad de la tierra y producto agrícola en Antioquia. 1995-2004. *Ecos de Economía*, 2008, 12 (26), 71-108.

MUÑIZ, O. y DASUKY QUICENO, S. La reparación: historia subjetiva, angustia y trauma. En A. IÁÑEZ DOMÍNGUEZ; A. PAREJA AMADOR (org.). **Mujeres y violencia en Colombia. La reparación a las víctimas del conflicto armado**. Madrid: Los libros de la Catarata, 2019, 230- 250.

OMS-Organización Mundial de la Salud. Salud mental, 2013: Recuperado de [https://www.who.int/features/factfiles/mental\\_health/es/#](https://www.who.int/features/factfiles/mental_health/es/#). Acceso el 8 de junio de 2020.

PÉREZ RINCÓN, M. Conflictos ambientales en Colombia: inventario, caracterización y análisis. En L. GARAY (org.). **Minería en Colombia. Control público, memoria y justicia socio-ecológica, movimientos sociales y posconflicto**. Cali: Universidad del Valle, 2014, 252-325.

Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo. Antioquia. Retos y prioridades del departamento, 2016-2019, 2016. Recuperado de <https://www.undp.org/content/dam/colombia/docs/Gobernabilidad/undp-co-antioquianueva-2016.pdf> Acceso el 20 feb. 2021

RICHARDSON, L.; ST. PIERRE, E. A. Writing. A method of inquiry. DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (eds.) **The Sage Handbook of Qualitative Research**. Thousand Oaks, Lontoo & New Delhi: Sage Publications, 2011.

ROCA-SERVAT, D. Aproximaciones epistemológicas y metodológicas al estudio de la (in) justicia hídrica: construyendo conocimiento desde el sur global. En B. DUARTE, C. YACOB; J. HOOGESTEGGER (eds.), **Gobernanza del Agua. Una Mirada desde la Ecología Política y la Justicia Hídrica**. Quito: Abya-Yala, 2016, 373-390.

ROCA-SERVAT, D.; GOLOVÁTINA-MORA, P. Water Matters: thinking with water Class Experience. **Qualitative Inquiry** 2020, 26(1), 13-23. doi: <https://doi.org/10.1177/1077800419869965>

SÁNCHEZ, G. (org). ¡Basta ya! Colombia: memorias de guerra y dignidad. **Informe general Grupo de Memoria Histórica**, 2013. Recuperado de <http://www.centrodememoriahistorica.gov.co/descargas/informes2013/bastaYa/basta-ya-colombia-memorias-de-guerra-y-dignidad-2016.pdf> Acceso el 20 feb. 2021

SCOTT MARCHAND, J. Non-human Agency. En R. BRAIDOTTI; M. HLAVAJOVA (org.). **Posthuman Glossary**. Londres: Bloomsbury, 2018, pp. 292-296.

SERRES, M. **La guerra mundial**. Madrid: Casus Belli, 2013.

SHIVA, V. **Who really feeds the world? The failures of agribusiness and the promise of agroecology**. Berkeley: North Atlantic Books, 2016.

SOLER, C. ¿Qué se espera del Psicoanálisis y del Psicoanalista? Conferencias y seminarios en Argentina. Buenos Aires: Letra Viva, 2009, 85 p.

SZERSZYNSKI, B. How the Earth Remembers and Forgets. En A. BOBBETTE y A. DONOVAN (org.). **Political Geology: Active Stratigraphies and the Making of Life**. Londres: Palgrave Macmillan, 2019, pp. 219-236.

UNESCO. **Árbol de problemas**, 2017. Recuperado de <http://www.unesco.org/new/es/culture/themes/%20cultural-diversity/diversity-of-cultural%20expressions/tools/policy-guide/planificar/diagnosticar/árbol-de-problemas/> Acceso el 20 feb. 2021



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Afeto 116

Américas 88, 189, 254, 259, 266

Arquitetura 14, 16, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 55, 56, 57, 74, 152, 154, 160, 201, 202, 203, 205, 206, 210

Arte Brasileira 12

Arte Conceitual 12, 14, 16, 18

Arte Contemporânea 12, 14, 16, 17

Avaliação 19, 20, 21, 22, 25, 26, 67, 94

### C

Cartografia Histórica 59, 61, 62, 72

Charles Darwin 147, 148, 159, 160, 161, 162, 163

Ciência Medieval 211, 212

Conflitos 92, 93, 95, 96, 113, 134, 145, 255, 259, 260, 264

Continuismo 211

Contradição 1, 3, 4, 5, 11, 31, 126, 185

Cultura Material 101, 103, 104, 105, 114, 291

### D

*Deleuze* 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129

Demarcação 30, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 169

Down House 147, 148, 149, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163

### E

Ecletismo 47, 48, 49, 50, 51

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 18, 20, 26, 28, 35, 37, 38, 56, 130, 133, 142, 144, 145, 165, 166, 167, 176, 181, 187, 213, 244, 257, 317

### F

Filosofia 5, 8, 36, 37, 75, 116, 129, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219

Filosofia Natural 211, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219

### H

*Hardware* 199, 207, 208

História 8, 12, 19, 20, 26, 28, 38, 57, 59, 74, 75, 92, 93, 99, 101, 114, 116, 130, 131, 132,

144, 145, 146, 153, 160, 162, 163, 176, 178, 184, 187, 188, 189, 199, 209, 211, 212, 213, 214, 217, 219, 220, 232, 234, 235, 236, 238, 241, 245, 246, 252, 266, 267, 317

História Ambiental 59

História da Ciência 211

História da Computação 199

História da Educação 10, 28

História Indígena 130, 132, 145

Historiografia 29, 132, 153, 211, 212, 214, 219, 220, 221, 234, 238, 255

Humanismo 1

## I

Idade Média 182, 188, 211, 212, 213, 214, 217, 218, 220, 224, 225, 228, 236, 246, 248, 249, 250

Identidade 49, 57, 101, 102, 103, 104, 105, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 120, 138, 144, 145, 147, 149, 151, 152, 154, 155, 161, 162, 190, 213, 223, 238, 242, 257, 259, 265, 266, 267

Imigração Italiana 101, 103, 107, 114

Imprensa 28, 29, 39, 40, 43, 69, 176, 221, 230, 254, 255, 256, 257, 258, 266

Interdisciplinaridade 12, 19, 21, 22, 25, 26, 153, 165, 166

## J

José de Alencar 189, 194, 195

Justiça Ecológica 77

## L

Linguagem 16, 21, 22, 23, 24, 25, 29, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 52, 53, 56, 57, 189, 190, 191, 192, 195, 196, 198, 204, 205, 206, 209, 252, 256

Literatura 13, 14, 123, 133, 136, 137, 185, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 198, 217, 236, 241, 251

Lógica Difusa 19, 22, 23, 24, 25

## M

Mata Atlântica 59, 74

Memória 37, 49, 57, 101, 103, 104, 105, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 118, 127, 139, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 162, 163, 164, 202, 203, 204, 207, 208, 238, 317

## N

Natureza 12, 14, 15, 17, 34, 59, 74, 117, 118, 119, 120, 126, 129, 141, 148, 168, 189, 190,

191, 192, 193, 197, 198, 213, 214, 215, 217, 218, 264

## **P**

Paisagem Histórica 59

Paulo Freire 1, 2, 5, 7, 8, 11

Plataforma Sucupira 20, 21, 25, 26

Poder 3, 5, 6, 11, 17, 36, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 49, 64, 66, 69, 74, 77, 79, 80, 82, 86, 87, 96, 97, 98, 99, 105, 113, 117, 120, 151, 152, 168, 180, 185, 201, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 256, 257, 261, 266, 270, 271, 281, 282, 291, 292, 294, 304, 305, 311, 313, 315

Programas de Pós-Graduação 19, 20, 21, 24, 25

Propaganda 28, 30, 39, 40, 41, 42, 43, 45

## **Q**

*Queenship* 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231

## **R**

Rainhas 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229

Realeza 153, 166, 220, 227, 228, 246

Realidade 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 22, 35, 42, 43, 97, 98, 119, 126, 127, 134, 146, 154, 155, 180, 191, 192, 203, 205, 223, 228, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 257, 261, 264

## **S**

*SAT* 232, 236, 237, 238, 239, 240

Saúde Mental 77

Sociedade 5, 6, 9, 10, 11, 16, 20, 21, 24, 29, 34, 45, 46, 49, 60, 75, 92, 104, 107, 111, 117, 119, 132, 137, 144, 146, 151, 152, 154, 178, 184, 185, 186, 192, 193, 198, 235, 236, 241, 242, 244, 251, 256, 257, 263, 265

*Software* 62, 199, 202, 206, 207, 208

## **T**

Tempo 8, 10, 13, 15, 34, 35, 52, 53, 55, 56, 59, 72, 75, 97, 103, 108, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 132, 136, 137, 140, 145, 150, 155, 157, 160, 168, 170, 175, 185, 186, 187, 190, 195, 204, 206, 210, 213, 217, 222, 225, 227, 228, 229, 232, 233, 234, 235, 238, 240, 249, 250, 260, 261, 262, 264

Terras Indígenas 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 143, 144, 145

Testemunho 77, 184





## **U**

Urbanismo 307, 308

## V

*Vedānta* 232, 233, 236, 240

# História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 @atenaeditora  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades 2

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)